

Real é a 4ª moeda que mais se valorizou frente ao dólar no ano; veja ranking

Lista de maiores ganhos é liderada pela moeda da Rússia, seguida pela de Gana. Levantamento com 118 países foi feito pela agência classificadora de risco Austin Rating, com base em dados do BC.

Por **André Catto**, g1

14/05/2025 02h00 · Atualizado há 8 horas



Notas de real e dólar — Foto: Amanda Perobelli/ Reuters

O real é a **quarta moeda que mais se valorizou frente ao dólar neste ano**. A informação consta em um ranking de 118 países elaborado pela **agência classificadora de risco Austin Rating**, com base em dados do Banco Central do Brasil (BC).

A alta acumulada do real chegou a 10,1% nesta terça-feira (13), dia em que o dólar caiu a R\$ 5,60. Conforme o levantamento, 72 países observaram suas moedas se valorizarem, ao menos um pouco, no período.

O maior ganho foi observado no rublo russo, que avançou 34,2%. Em seguida (e logo à frente da moeda brasileira), estão o cedi, moeda de Gana (16,6%), e a coroa sueca, da Suécia (13,5%).

Veja o ranking abaixo:

Moedas que mais se valorizaram em 2025

Brasil ocupa a 4ª posição, com ganhos de 10,1%

Busque pelo país

RANKING	PAÍS	MOEDA / PAÍS	VAR NO ANO, ATÉ 13/5
1º	RÚSSIA	RUBLO/RUSSIA	34,20
2º	GANÁ	CEDI GANA	16,60
3º	SUÉCIA	COROA SUECA	13,50
4º	BRASIL	REAL BRASIL	10,10
5º	NORUEGA	COROA NORUEGUESA	9,80
6º	HUNGRIA	FORINT/HUNGRIA	9,50
7º	MARROCOS	DIRHAM/MARROCOS	8,90
8º	POLÔNIA	ZLOTY/POLONIA	8,70
9º	REPÚBLICA TCHECA	COROA TCHECA	8,60
10º	SUIÇA	FRANCO SUICO	7,80
11º	ALBÂNIA	LEK ALBANIA REP	7,70
12º	ZONA DO EURO	EURO	7,70
13º	CABO VERDE	ESCUDO CABO VERDE	7,70
14º	DINAMARCA	COROA DINAMARQUESA	7,60
15º	TAIWAN	NOVO DOLAR/TAIWAN	7,50
16º	BULGÁRIA	LEV/BULGARIA, REP	7,50
17º	SEYCHELLES	RUPIA/SEYCHELES	7,50
18º	SÉRVIA	DINAR SERVIO SERVIA	7,40
19º	MACEDÔNIA	DINAR/MACEDONIA	6,60
20º	JAPÃO	IENE	6,40
21º	ISLÂNDIA	COROA ISLND/ISLAN	6,30
22º	REINO UNIDO	LIBRA ESTERLINA	6,10
23º	CHILE	PESO CHILE	6,00
24º	MOLDÁVIA	LEU/MOLDAVIA, REP	5,60
25º	TUNÍSIA	DINAR/TUNISIA	5,60
26º	MÉXICO	PESO/MEXICO	5,50
27º	NOVA ZELÂNDIA	DOLAR NOVA ZELANDIA	5,30
28º	TADJIQUISTÃO	SOMONI TADJIQUISTAO	5,00
29º	ZÂMBIA	QUACHA ZAMBIA	5,00
30º	ROMÊNIA	NOVO LEU/ROMENIA	5,00

Nesta terça-feira, o dólar comercial fechou a R\$ 5,6086. Para a elaboração do ranking, entretanto, a **Austin Rating** considera as taxas de câmbio de referência Ptax, divulgadas diariamente pelo BC. Nessa modalidade, o dólar ficou cotado a R\$ 5,6256.

O levantamento mostra que 20 moedas estão no zero a zero com o dólar no ano. Outras 26 se desvalorizaram — entre elas, o peso argentino (-8,3%), o dinar, da Líbia (11%), e o bolívar soberano, da Venezuela, que ocupa a lanterna do ranking com uma queda de 44,2%.

O que explica a queda do dólar?

O **economista-chefe da Austin Rating, Alex Agostini**, destaca **quatro principais motivos** para a queda do dólar em relação ao real — especialmente nos últimos dias.

Veja abaixo.

1 Percepção de queda do risco externo. O Federal Reserve (Fed, o banco central dos EUA) decidiu, em suas três últimas reuniões, manter a taxa básica de juros do país na faixa de 4,25% a 4,50% ao ano — patamar elevado para o padrão histórico do país.

Nesta terça, no entanto, o índice de preços ao consumidor dos EUA (CPI, na sigla em inglês) veio abaixo do esperado pelo mercado, o que ajudou a reforçar a perspectiva de que o Fed pode reduzir juros em um horizonte não tão distante. Essa é uma percepção que beneficia o real.

"Parece que o índice já começou a convergir para a meta de inflação dos EUA. Então, os investidores ficaram um pouco mais otimistas em relação a uma provável queda de juros por lá em julho", diz Agostini.

2 O acordo entre EUA e China sobre o tarifaço. Na segunda-feira (12), as duas potências concordaram em reduzir por 90 dias as chamadas "tarifas recíprocas".

- As tarifas dos EUA sobre as importações chinesas **cairão de 145% para 30%**.
- As taxas da China sobre os produtos americanos **serão reduzidas de 125% para 10%**.

O movimento animou os investidores e voltou a trazer o dólar a uma tendência de queda — apesar da disparada logo após o tarifaço de Trump. "A decisão desta semana continua surtindo efeito nos mercados", diz **Agostini**.

3 A percepção de leve queda no risco fiscal brasileiro. Segundo Agostini, "os últimos resultados da área fiscal vieram um pouco melhores do que o esperado", elevando o ânimo dos investidores.

O economista pondera, no entanto, que as contas públicas ainda são "uma pedra no sapato do governo brasileiro" na tentativa de melhorar a economia em direção a crescimento, juros menores e inflação mais baixa.

"Nisso, os ativos financeiros também poderiam estar melhores, com bolsa de valores em um nível mais elevado e o real mais valorizado em relação ao dólar", acrescenta.

4 O diferencial entre as taxas básicas de juros dos EUA e do Brasil. Por fim, o economista destaca a distância entre os juros do Brasil — a 14,75% ao ano, maior nível em 20 anos — e os juros dos EUA, na faixa de 4,25% a 4,50% ao ano.

"Esse diferencial continua grande. Isso acaba atraindo capital para o país. É um movimento que melhora o fluxo, principalmente para países emergentes", explica Agostini.
